

*Engenhos de um demonólogo renascentista:
inovações do pensamento histórico de Jean Bodin**

MARCOS ANTÔNIO LOPES**

Universidade Estadual de Londrina

Resumo: Jean Bodin é reconhecido como o autor da obra de reflexão política mais complexa do século XVI. Mas, como historiador, ele também realizou obra de vulto ao elaborar — no contexto das Guerras de Religião — um novo questionário para a História. Nesse sentido, ao pautar novos temas e ao incluir novos problemas para a escrita da história na segunda metade do século XVI, seu trabalho de reflexão concentra muitos traços de originalidade. Entretanto, há muitos outros aspectos que nivelam o seu pensamento histórico ao que havia de mais comum no sistema de crenças de sua época. Este artigo se ocupa em nuançar as inovações bodinianas, contrastando-as com os aspectos mais conservadores e até mesmo “retrógrados” das concepções sociais do autor.

Palavras-chave: Teoria da História; Inovação Filosófica; História do Pensamento Histórico.

Abstract: Jean Bodin is well-known as the author of the most complex political reflection work of the 16th century. But, as a historian, he also carried out relevant work, as he elaborated — in the Religion Wars context — a new questionnaire for the History. In this sense, he was a genius of modernity, as he listed new themes and included new problems in the historiographical scene of the second half of the 16th century. However, there are several other aspects that level his historical thought to what existed as most common in the system of beliefs of his time. The purpose of this article is to give nuances to Bodin’s

* Artigo submetido à avaliação em 25 de setembro de 2012 e aprovado para publicação em 09 de outubro de 2012.

** Doutor em História pela Universidade de São Paulo. Pesquisador do Centro Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico/CNPq (Bolsista Produtividade em Pesquisa). Professor na Universidade Estadual de Londrina. Este texto foi concebido e escrito em meio às atividades de pós-doutoramento junto ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Espírito Santo (História Social das Relações Políticas).

innovations, contrasting them with the most conservative and “retrograde” aspects of the author’s social ideas.

Keywords: Theory of History; Philosophical Innovation; History of the Historical Thought.

Com o propósito de que aquilo a que me propus escrever acerca do método histórico possua algum valor didático, começarei por definir a história e suas principais divisões; em seguida, estudarei a sucessão cronológica; em seguida, para auxiliar a memória, adaptarei à história os desenvolvimentos clássicos relativos às ações humanas; assim, distinguirei dentre todos os historiadores, minha escolha pessoal; discutirei então acerca do juízo crítico em história.

Jean BODIN, *Methodus ad facilem historiarum cognitionem*.

Em torno ao conjunto da obra de Jean Bodin (1530-1596),¹ formou-se uma tradição interpretativa longa e volumosa, que acumula a produção de sentidos bastante diversificados. E não poderia ser diferente, porque o autor tomou a teologia e a política como temas centrais de sua reflexão, já em sua época e por longo tempo considerados campos minados. Na toada dos pensadores que abriram e pavimentaram o caminho da modernidade em política e em sociologia, ele foi retratado como uma antecipação de Bossuet, de Montesquieu, de Voltaire, de Comte, e de outros. Dentre as análises retroativas, que o emparelham aos vultos de seu próprio passado, despontam comparações com as ideias do humanista paduano Pomponazzi, posto que também destinadas a desacreditar a divindade de Cristo. Essas “camadas” de interpretações são apontadas por (ROGER, 1984, p. IX). Nesse mar de leituras das concepções filosóficas bodinianas, e frequentemente deformantes de seu pensamento, circula uma variedade de

¹ Para análises contendo o essencial acerca da vida e obra do autor, consultar os seguintes textos: (BRIGGS, 1990; BIZIÈRE & Jacques SOLÉ, 1993; e FABRE, 2001). Especialmente interessante o texto do escritor seiscentista Pierre Bayle, em seu extenso verbete sobre Bodin. Ver: (BAYLE, 1820).

outras correntes, incluindo algumas mais e outras menos compatíveis com as intenções originais de um dos maiores inventores filosóficos da segunda metade do século XVI. Avaliadas no quadro geral de sua notável fortuna crítica, é evidente que essas leituras sobre as ideias do autor de *Os seis livros da República* não deixam de ser interessantes, mesmo que algumas delas o situem em relações das quais o autor nunca sonhou em participar.

Nesta análise, não tenho a pretensão de colocar freios nas leituras defeituosas, ou reforçar o campo das interpretações virtuosas do Bodin filósofo político ou teórico da história. Minha reflexão vem a propósito de distinguir alguns traços de originalidade, naquilo que se refere à abordagem de seu pensamento histórico, da forma como ele a esboçou no *Método para uma fácil compreensão da história*, obra concebida ao longo de alguns anos, publicada nos inícios de 1566, e que o autor apresentou como destinada a preencher uma considerável lacuna no mundo dos livros, pela inexistência de um título que se assemelhasse à sua proposta, qual seja: dar a conhecer as técnicas mais relevantes para a escrita da história. (Cf. BODIN, 1951)² De fato, ele declarou logo nas páginas iniciais ter decidido pela composição do *Methodus* ao aperceber-se que, dentre o verdadeiro exército de historiadores que até então povoara o mundo, desde as antiguidades mais remotas até o seu próprio tempo, nenhum se esforçara a explicar por meio de quais artes e engenhos se escrevia boa história.³ Para alguns comentadores, *O método da história* traçou as primeiras regras para se realizar a pesquisa histórica cercado-se de um conjunto de normas pertinentes a este tipo de conhecimento acerca das coisas passadas, a saber, as ações humanas de real relevo.

² Neste artigo, utilizo também a segunda edição norte-americana do *Método*. (BODIN, 1969).

³ É o que se lê, nas entrelinhas, ao fim do Preâmbulo: "... I have led to write this book, for I noticed that while there was a great abundance and supply of historiens, yet no one has explained the art and the method of the subject". (BODIN, 1969, p. 14).

Arcaísmo e modernidade

Nos inícios da Época Moderna alguns autores desenvolveram propostas relevantes para a renovação da história. Os círculos dos humanistas italianos e franceses foram pródigos em forjar numerosa casta de heróis filosóficos que se empenharam nas lides de reinventar a história. Em seu livro sobre as origens do pensamento histórico moderno, o historiador norte-americano George Huppert analisou o amplo processo intelectual que levou à elaboração de novas maneiras de se conceber a história como um campo de pesquisa. Na França, durante a segunda metade do século XVI, alguns homens de letras conseguiram propor, de maneira formal e erudita, um novo programa para escrever a história. Segundo afirma Huppert, os eruditos da Renascença francesa, influenciados pelas novas orientações surgidas na Itália no campo da pesquisa histórica, acabaram por fundar um novo paradigma historiográfico, fazendo emergir a ideia da “História Perfeita”. (Cf. HUPPERT, 1973). Conforme afirma Huppert, é impossível dizer que a historiografia nasceu da descoberta da crítica histórica no século XIX, pois esta era coisa antiga. (HUPPERT, 1973. p. 09) No mesmo sentido, Georges Lefebvre escreveu que, nesse terreno, a França foi a iniciadora. A erudição francesa do século XVI foi, com efeito, uma antecipação da erudição do século XIX. (Cf. LEFEBVRE, 1974, p. 86; Acerca dos humanistas franceses ver também as análises de MANDROU, 1969). De fato, estudos recentes referendam os argumentos de Lefebvre e de Huppert. Ao considerar que humanistas europeus do Renascimento denunciaram as chamadas “invenções dos gramáticos” como autênticas falsificações, Anthony Grafton segue essa linha de raciocínio. Para alcançar resultados críticos na pesquisa histórica, os humanistas italianos e nórdicos passaram a lançar mão de aparelhos eruditos que foram encontrar na tradição clássica. (Cf. GRAFTON, 1998, p. 72). Já na interpretação de Charles-Olivier Carbonell, seria ingenuamente arriscado conceber a historiografia dos humanistas, mesmo que muito diversificada, sob a perspectiva exclusiva do progresso. Isso porque tanto o arcaísmo como o conformismo marcam frequentemente

aquelas obras. Sobretudo por isso é que não se deve acentuar tanto os seus traços de modernidade. (Cf. CARBONELL, 1987, p. 78).

Pelo que vejo no conjunto do texto de Jean Bodin sobre a história, os argumentos de Carbonell me parecem particularmente muito bons, com acento no mérito da sensatez, o que vale também para suas relações com a ortodoxia religiosa quinhentista.⁴ Mais relevante do que descobrir uma moderna e/ou modernizadora ideia de progresso na história concebida por Jean Bodin, seria ressaltar sua percepção para a ocorrência de mudanças significativas no curso dos eventos. (POMIAN, 1984) O senso do passado, e de suas diferenças diante do presente, guiou o autor a enfrentar o lugar comum de uma identidade fixa dos tempos históricos. Não, afirma Bodin em seu *Método*, tal identidade não pode existir; a dinâmica da história depende da vontade pendular dos homens, vontade que se altera ao sabor de circunstâncias imprevisíveis.⁵ Se os contextos em que tais vontades mutantes se definem são igualmente marcados por uma diversidade enorme de especificidades, como pode haver semelhanças que levem à possibilidade de se prever ações?

Não é difícil identificar que a marca registrada dos livros de história ao longo da Época Moderna foi a ênfase no discurso político. Para o século XVI esse argumento seria ainda mais pertinente, a ponto de se poder afirmar que o discurso histórico e o discurso político se imbricavam e se reforçavam, como bem demonstrou Philippe Ariès. (Cf. ARIÈS, 1989) Na época de Jean Bodin, a concepção de narrativa histórica que predominou no cenário intelectual francês foi a da defesa de um regime político e de uma forma de

⁴ Efetivamente, Bodin não poupou uma demolição em regra das práticas que considerou arcaicas por parte da Igreja. Contudo, manteve-se fiel a Deus: “If he did agree with some Protestants who criticized the traditional Catholic teachings on such matters as the veneration of images of the saints, the adoration of the Eucharist, and the belief in the fires of purgatory, Bodin did not hold God responsible for these errors as certain sects did (...)”. (TURCHETTI, 2005). Segundo Reynolds, “His religion is an unsolved problem, open to much speculation. Certainly he spent a few youthful years in a monastery”. (REYNOLDS, 1969, p. XXVI). A esse respeito ver também o reputado estudo de (FRANKLIN, 1963).

⁵ “Mais l’histoire humaine découle principalement de la volonté des hommes qui n’est jamais semblable à elle-même et l’on n’entrevoit point son terme”. (BODIN, 1951, p. 282).

governo destinados a superar as divisões internas provocadas pelas Guerras de Religião: o regime principesco e a monarquia soberana. Assim sendo, o pensamento político do autor de os *Seis Livros da República* pode ser traduzido como um esforço intelectual para extrair a ideia moderna de soberania política do matagal das controvérsias teológicas que foram a marca registrada do século XVI, a partir do advento da Reforma.⁶ A obra paradigmática desses debates é sem dúvida a célebre *Vindiciae contra tyranos*, de 1579, cuja autoria, ainda hoje incerta, foi atribuída ao huguenote Duplessis-Mornais. Num certo sentido, a obra *Ensaio*, de Montaigne, seria uma espécie de versão crítica dessas controvérsias, sob a perspectiva da tolerância religiosa. De todo modo, a modernidade do pensamento histórico de Jean Bodin foi acentuada pelos historiadores franceses Guy Bourdê e Hervé Martin, num claro exercício de teleologia retrospectiva da história. Para eles, Bodin seria uma espécie de primeiro exemplo, ainda que embrionário, da história-problema praticada pelos mestres da Escola de *Annales*. Ao lado de análises sofisticadas, Bodin fez antecipações espantosas. Ele pressentiu, por exemplo, que o tabu do incesto incitava a estender as alianças matrimoniais. Ele quis construir uma ciência política continuando a de Políbio e anunciando a de Montesquieu. (Cf. BOURDÊ & MARTIN, 1997, p. 92) O filósofo e historiador das ideias Robin George Collingwood reputa-o igualmente como inovador, por romper com a tradicional divisão dos tempos históricos dos Quatro Impérios. Sob esse aspecto, ressalta Collingwood, coube a Jean Bodin alertar para a falácia da autoridade imposta pelas Sagradas Escrituras, mais

⁶ Mas isso não significa que devemos enxergar em Bodin uma espécie de livre pensador, completamente desembaraçado do sistema de crenças de seu tempo. Com efeito, “During his youth, Bodin received a Catholic education and he remained loyal to the Church until his death. Demonstrating his religious convictions, in a testament from June 7, 1596, he requested to be buried in a Catholic Church. Nevertheless, during his middle years, he was critical of the church hierarchy and occasionally expressed antipapal sentiments. On the basis of this evidence, his biographers have quickly labeled him a Protestant. Yet in his *Lettre à Jean Bautru des Matras*, a text based on his youthful religious ideas, it is clear that Bodin was not a pure Protestant, but rather a critic of the Roman Catholic clergy, its hierarchy, and some of its doubtful religious practices”. (TURCHETTI, 2005). Acerca das implicações desse assunto, ver também a análise de (SCHIERA, 1985, p. 427).

especificamente o livro de Daniel. Esse notável profeta teve a criatividade de esboçar um esquema arbitrário para dividir a história em períodos. (Cf. COLLINGWOOD, 1981, p. 79)

Pelo ângulo da tradição conservadora, é oportuna a definição do historiador norte-americano da teoria política George Sabine, ao afirmar que a teoria política de Jean Bodin era um misto singular de arcaico e de moderno, como de um modo geral o era o pensamento filosófico do século XVI. Bodin deixara de ser um pensador medieval, sem propriamente tornar-se moderno. Para Sabine, o pensamento de Bodin era “amalgama de superstições”, agregando ainda racionalismo, utilitarismo e anacronismo. (Cf. SABINE, 1964. p. 388s) Essa afirmação demonstra que os homens mais instruídos dos séculos XVI e XVII também podiam acreditar em práticas mágicas e, naturalmente, no culto ao Diabo. Jean Bodin, seguramente o maior pensador político do século XVI — ao menos na avaliação de Norberto Bobbio⁷ —, foi também autor de um compêndio anti-bruxaria intitulado *Tratado de demonomania dos feiticeiros*. Esse livro de Jean Bodin foi, por assim dizer, o *best-seller* dos que se compraziam em dar às pessoas destino semelhante ao das “castanhas assadas”, segundo a terminologia de um filósofo renascentista (Pomponazzi), ao referir-se aos “corpos ardentes” daqueles tempos. “Demônios, demônios: estão em todos os lugares. Povoam os dias e as noites dos homens mais inteligentes da época”. (FEBVRE, 1948, p. 202s.)⁸

As “contradições” do grande teórico político chamaram a atenção de historiadores interessados nas especificidades dos sistemas de crenças vigentes no século XVI. Lucien Febvre e Robert Mandrou, por exemplo, estudaram as facetas do “múltiplo e contraditório” Bodin, para concluir que a presença de aspectos aparentemente assimétricos de sua personalidade eram,

⁷ “A obra política mais importante do período de formação dos grandes Estados territoriais é *De la Republique*, de Jean Bodin”. (BOBBIO, 1985. p. 95).

⁸ Utilizo a edição espanhola deste texto: (FEBVRE, 1971. p. 202s). Acerca da onipresença do diabo ao longo da Época Moderna ver, dentre numerosos títulos publicados no Brasil: (MANDROU, 1979; LEVACK, 1988; MUCHEMBLED, 2001; SALLMANN, 2002).

na verdade, ambivalências.⁹ É sabido que foram as mentes instruídas do período as que mais contribuíram para a constituição e vulgarização da crença nas práticas de bruxaria. Homens de letras como Bodin apropriaram-se de uma série de elementos presentes nas credences populares para construir um conjunto de ideias, em boa parte desconhecido da arraia-miúda. As abstrações teológicas produzidas nos meios intelectuais eram muito complexas para o nível de entendimento dos segmentos não letrados. A sofisticação dos letrados, em sua cruzada defensiva da cidadela cristã sitiada pelo mal, alcançou o seu ponto máximo com uma teoria conspiratória: as bruxas, a cada dia mais numerosas, estavam preparando o fim do cristianismo. (Cf. DELUMEAU, 1996)

Como afirmou Pierre Mesnard, Bodin era um brilhante conversador que também sabia escutar e, ainda, interrogar com método e proveito. Ele anotava as conversas mais interessantes que reunia no Languedoc, nos *Grands Jours* de Poitiers, no Parlamento de Paris, na recepção dos embaixadores poloneses, na corte de Elisabeth da Inglaterra ou em sua rápida viagem pelos Países Baixos. E essa massa de informações ele a organizou por fragmentação e confronto, comprovando com umas as afirmações de outras. (Cf. MESNARD, 1962, p. 100) Mas, um dado importante no campo dos estudos históricos é que, com Jean Bodin e os humanistas franceses da segunda metade do século XVI, a distinção entre documentação primária e fontes de segunda mão tornou-se, pela primeira vez, uma coordenada inequívoca entre os eruditos franceses no difícil ofício de recuperação do passado. No *Méthode de l'Histoire*, Jean Bodin de fato demonstrou sua percepção em compreender a diversidade do mundo real. Sua precípua finalidade era provar a instabilidade e a relatividade de todas as coisas, ou seja, como leis, costumes, instituições e ritos novos nascem sem cessar.

⁹ “Contradictions... Nous prononçons le mot en gonflant les joues, avec une fertè pedantesque. Mieux vaudrait se divertir intellectuellement, à considèrer tous ces heurts de tendances caractèristiques d’une èpoque troublée, novatrice et féconde — alors que s’agitaient dans un chaos confus, cherchant tant bien que mal à se dégager l’une de autre, la religion naturaliste de la Renaissance, et la religion révélée de la Réformation”. (FEBVRE, 1968, p. 265). A propósito do tema ver também: (ARIÈS, 1998).

Ampliando a análise, integrou considerações acerca da incidência do clima na história e no temperamento dos povos. Assim procedendo, humanizou a história sagrada ainda predominante no século XVI. (Cf. BODIN, 1951, p. 282) Essa visão humanística da história foi expressa pelo próprio Bodin nos seguintes termos: “um dos maiores e talvez o principal fundamento da República é o de organizar o Estado segundo a natureza dos cidadãos bem como a legislação à natureza dos lugares, das pessoas e dos tempos”. (Cit. por MESNARD, 1962. p. 109) A crítica histórica surgida deste esforço intelectual inovador levou a novas formas de se conceber a história. Confrontando a história pensada por Maquiavel e aquela proposta por Bodin, Pierre Mesnard considerou que a comparação do grande modelo romano com os ridículos epifenômenos da política local levou Maquiavel a uma lamentável perda de escala dos fenômenos. Desse modo, César Bórgia foi considerado por ele como um dos maiores homens de todos os tempos, por ter se mantido um ano na Romagna. Pelo contrário, Jean Bodin, ampliando indefinidamente sua investigação, multiplicou os elementos passíveis de comparação dispondo, finalmente, em todos os temas, da multiplicidade de categorias necessárias para articular validamente um acontecimento. (Cf. MESNARD, 1962, p. 105)

Para uma nova concepção da história

A expressão *Histoire Nouvelle*, que passou a ser empregada pelos historiadores da Renascença francesa para distinguir um modo diferente de conceber a história, demonstrava uma atitude de emancipação do esquema cristão medieval de se escrever sobre a política, assunto predominante dos historiadores quinhentistas e de seus pósteros. A história humanista, concebida em termos temáticos e metodológicos inovadores e originais, levou Bodin e os eruditos franceses a pensar no advento de uma “História Perfeita”, de uma *Histoire Accomplie*. Nesse ambiente intelectual, a história deixou de ser, durante mais ou menos meio século, simples literatura

encomiástica ou “romance dos reis” (expressão de CHARTIER, 1989, p. 25), elevando-se à condição de forma rigorosa de conhecimento, fundamentada na crítica das fontes. (Cf. HUPPERT, 1973; e CARBONELL, 1987). Essa *Histoire Nouvelle* do século XVI pretendeu inovar pela ampliação de vistas temáticas, mas também, e principalmente, pelos pressupostos utilizados no trabalho da interpretação de documentos. Ao lado do projeto de uma história “total”, no sentido de abarcar uma história universal, estes eruditos da Renascença francesa pretenderam orientar-se por uma rigorosa crítica documental. A história perfeita por eles propugnada representou um ponto de mutação no gênero ao desconsiderar esquemas narrativos muito celebrados, como a crônica patriótica fundada em mitos políticos antigos e a história dos reis cristianíssimos e suas virtudes heroicas.

Mas, é preciso nuançar certos aspectos que acabam por fazer dessa nova concepção da história um terreno em que se acumulam contradições. Na obra de Bodin, há crenças do homem comum do século XVI que se mesclam às idéias eruditas do ilustre personagem. E Jean Bodin será mesmo um caso muitíssimo interessante daquilo que César possui em comum com o soldado mais raso de suas legiões, segundo a expressão de Jacques Le Goff. Da mesma forma que para a maioria de seus contemporâneos, a existência oculta do diabo também era para ele uma realidade, projetada por Deus como um teste de superação. Com efeito, Deus povoara o mundo com espíritos malignos, que a todo o momento interferiam na vida dos homens. Tanto assim que no *Colloque entre sept scavans qui sont de differens sentimens* o autor afirma por meio do personagem Senamy: “Si les Demons estoient visibles, il y avoit moins de difficulté”. (BODIN, 1984, p. 46).

Tomando as fontes escritas como sua base documental, e negando a tutela teológica que acompanhou a escrita da história desde Gregório de Tours (*História dos Francos*) no século VI, a História Perfeita dos eruditos franceses do século XVI defendeu o princípio de que a razão humana, empregada na pesquisa do passado, poderia alcançar a verdade, “... car un récit pa ne peut être nommé historique s’il n’est conforme à la vérité”. (BODIN, 1951, p. 280) Etienne Pasquier, autor de *Recherches de l’Histoire de la*

France, de 1560, talvez tenha sido o modelo mais acabado das novas tendências nos estudos históricos. Jurista e deputado dos Estados Gerais de Blois, Pasquier escreveu suas *Pesquisas* sob a turbulência das Guerras de Religião. A obra foi retomada e aumentada por várias vezes. Para Pierre Chaunu, as contribuições que fizeram dele o príncipe dos historiadores eruditos da Renascença francesa se relacionam à nova luz que lançou sobre o método de pesquisa: a valorização do francês como idioma erudito auxiliar, com a mesma importância que o latim para desvendar outras dimensões da história da França que não puramente a das elites cultas. Além do novo apoio linguístico, outra originalidade de Pasquier foi o emprego de fontes literárias da Antiguidade clássica. Dessa forma, mitos antigos e já sedimentados pelas velhas crônicas, como a origem troiana dos franceses, foram desmontadas por ele. Na leitura de *Das guerras nas Gálias*, de César, Pasquier descobriu o passado da França não nos filhos de Enéas ou no lendário Pharamond, mas em Vercingetorix e nas tribos gaulesas da Auvérnia antiga, antes mesmo da própria era cristã. (Cf. CHAUNU, 1976; e HUPPERT, 1973)

Apesar de suas contribuições inovadoras no domínio da pesquisa histórica, Pasquier conseguiu escapar à condição de súdito fiel dos últimos Valois. Com efeito, não demorou muito a se converter num valoroso partidário de Henrique IV, o que coloca a sua obra numa relação de estreita proximidade com o poder real. Outro desses grandes personagens que, ao lado de Bodin e de Pasquier, revela o novo conteúdo da história renascentista francesa foi o professor e jurista François Hotman, autor do livro intitulado *Franco-Galia*, de 1574. Obra *engagée* de recém-convertido ao protestantismo, o livro de Hotman se empenhou em demonstrar os equívocos históricos que permitiram à monarquia católica na França usurpar os direitos populares, tornando-se uma tirania. Aos olhos de Hotman a história era um bom expediente na determinação da natureza mais profunda do poder. Ele tentava compreender como fora a Gália anterior aos tempos da conquista por Roma. Assim, poderia ridicularizar a lenda das “origens troianas”, e sublinhar no nascimento da língua francesa o seu valor para a unificação política. O método histórico de Hotman fundava-se na consideração do

passado como um objeto que oferecesse resposta à compreensão do tempo presente. (Cf. HUPPERT, 1973).

Sem desconsiderar o seu conteúdo inovador, essas novas concepções da história também foram conservadoras e ajudaram a reforçar as bases do Estado soberano. Com Jean Bodin e os eruditos da Renascença francesa, a história também esteve ligada à construção do Estado. (Cf. CHAUNU, 1976) Os círculos dos historiadores humanistas se ocuparam em levar a sua pedra ao edifício do Estado monárquico, cuja principal ferramenta teórica era a sólida formação jurídica, aliás, utilizada conscientemente pelos reis desde os séculos XII e XIII, para reforçar os seus privilégios de comando regional diante das prerrogativas da Igreja e do Império. Mas, é preciso considerar que, apesar de suas relações com o centro do poder político, a história perfeita dos juristas franceses do século XVI não mais se confundiu pura e simplesmente com a monarquia. É nesse sentido que ela representou um elo rompido na cadeia da ficção épica dos historiadores-mitógrafos da Idade Média e do Antigo Regime.

Segundo Mesnard, do método comparativo Bodin extraiu conclusões verdadeiramente científicas. A sua finalidade seria deduzir, por esse procedimento, o direito universal, ou seja, o direito natural tal como a evolução humana permite concebê-lo na unidade de sua complexidade. Sem dúvida, esse método não deixa de ser defeituoso, quando se trata de dados científicos. Mas, quando se refere ao Estado e às instituições, revela-se excelente. Assim, Bodin renovou o conhecimento alcançado por meio dos textos, fortalecendo, com uma consciência crítica e uma experiência prática, a psicologia da vida social que esclarece e retifica a história. (Cf. MESNARD, 1962, p. 10ss) Isso significa que há algo mais do que a política, as leis e o Estado no universo temático de Jean Bodin. Na interpretação de George Sabine,

Advogado de profissão, (ele) provocou a inimizade dos colegas ao defender o estudo histórico e comparativo do direito em lugar da dedicação exclusiva aos textos do direito romano. Direito e política, insistia ele, deviam ser

necessariamente estudados não apenas à luz da história, mas também levando em conta o meio físico, o clima, a topografia e a raça (SABINE, 1964, p. 388s).

Esses temas foram retomados por grandes autores franceses como Montesquieu e Voltaire, que deram a tais problemas reformulações diferenciadas. Mas, a influência intelectual de Bodin se expandiu para além da França. Na Inglaterra dos meados do século XVII um autor como Robert Filmer, defensor da teoria patriarcal do direito divino dos reis em *Patriarcha, or the Natural Power of Kings* — texto escrito entre os anos 1637-38 e publicado postumamente em 1680, na ascensão de Jaime II ao trono —, converteu tudo o que havia de compatível no pensamento político de Bodin às suas ideias tradicionais sobre a realeza. Estava em jogo a demonstração de seus argumentos, que John Locke se encarregou de desmontar um a um no primeiro livro de *Dois Tratados sobre o Governo*. Como afirma Peter Laslett, “as obras de Filmer estão repletas de citações da République”. (LASLETT, 2001, p. 211)

No século XVII ocorreu aquilo que Philippe Tétart descreveu como “o século de sonolência de Clío”. Na era do absolutismo, nos tempos da *raison du prince*, que tiveram início com o advento dos Bourbons, a história se calou diante dos novos imperativos do Estado monárquico, um novo regime político que passou a não mais admitir formas de discursos políticos e históricos que não fossem constituídos apenas de louvores a si próprio: “a história é enquadrada, vigiada, pela monarquia. A glorificação dos soberanos, o academicismo, a ortodoxia limitam a liberdade de agir e de escrever. Muitos historiadores louvam a monarquia”. (TÉTART, 2000, p. 65) Com a sua teoria da soberania, Bodin havia sedimentado esse caminho. Para Richard Bonney, de uma maneira aparentemente weberiana, Bodin atribuía ao chefe de Estado o monopólio do uso da força legítima. (Cf. BONNEY, 1989, p. 29)

Mesmo consideradas todas as suas inovações, é necessário apreender a *Histoire Nouvelle* do século XVI como um movimento de superfície, como um foco de fissura na complicada tapeçaria literária do Antigo Regime, cultura conservadora por excelência de inúmeros temas e estilos muito

antigos, datando de vários séculos. O projeto de uma História Perfeita, fundada principalmente na pesquisa empírica e numa relação reflexiva com documentação original, não conseguiu abrir caminho por muito tempo, para conquistar sua hegemonia sobre outros estilos de se escrever história. Empenhados na consolidação do poder real, por meio da sólida formação jurídica de seus representantes, o original e ambicioso projeto de uma história nova acabou por revelar-se estéril, não produzindo repercussão importante no século XVII. Para Pierre Chaunu,

a história na França alcançou, no fim do século XVI, na grande paixão das Guerras Religiosas, um ponto de perfeição que não poderia manter por muito tempo. [...] O século XVII, apesar de alguns empenhos individuais, apesar do trabalho obscuro de elaboração dos estudos de base da erudição eclesiástica, assinala uma parada na escalada historicista (CHAUNU, 1976, p. 56s).

Decretos de Deus, fenômenos incógnitos e ações humanas

Entretanto, não há como negar que, nesse capítulo da história do pensamento histórico, Jean Bodin ocupa um papel de destaque. Muitíssimo mais conhecido como pensador político, ele foi também um historiador de elevada expressão em seu tempo. Seu contemporâneo Montaigne louvou a originalidade e o rigor de sua reflexão sobre a história, cuja preocupação com o confronto judicioso dos testemunhos — “antes de admitir como provado os menores detalhes de cada fato” — é contraposta à esterilidade improdutiva dos palradores:

Escolhem-se, geralmente, para historiógrafos — sobretudo em nossa época — indivíduos medíocres, somente porque sabem falar bonito como se fosse para aprender gramática que precisássemos de suas obras. [...] tendo sido escolhidos unicamente por causa de sua tagarelice com isto se preocupam; e, recheadas de belas

frases e boatos ouvidos nas praças das cidades, compõem as suas crônicas (MONTAIGNE, 1972 p. 200).

Eric Auerbach confirma o desdém montaigniano pelos narradores de episódios fora do comum ao lembrar que Montaigne foi sempre curioso pela vida alheia. Mas nutria alguma desconfiança contra os historiadores. Achava-os fantasiosos na medida em que apresentavam os homens quase exclusivamente em circunstâncias extraordinárias e heroicas, no que se afastavam da escala miúda da humanidade, o que seria de se esperar com maior frequência de tais seres. (Cf. AUERBACH, 2002, p. 265s) Ao que parece, a vocação de historiador corresponde ao período em que Bodin viveu em Tolouse, entre 1547 e 1559, quando foi professor na Faculdade de Direito. Segundo Mesnard, seria esse o espaço para sustentar um divertido paradoxo, a saber, que foi provavelmente em Tolouse que Jean Bodin estabeleceu um contato próximo com os países do Norte e com sua produção cultural. O fato é que existia na Universidade de Tolouse, prossegue Mesnard, uma nação alemã e, por outro lado, a corte protestante de Navarra estava aberta aos aristocratas da outra margem do Reno. Bodin descreveu alguns deles e acrescentou, não sem malícia, que eles apreciavam um pouco em demasia, talvez, o bom vinho do Languedoc. Mas não é impossível que, em contrapartida, eles tenham lhe oferecido a melhor garrafa, sob a forma do novo saber histórico que se iniciava na Alemanha. (Cf. MESNARD, 1962, p. 96s)

Conforme já referido, em seu pensamento histórico Jean Bodin separou o curso dos acontecimentos humanos de um plano providencial, o que não deixa de ser um tanto surpreendente para alguém que acreditava na existência concreta de feiticeiras e na eficácia de suas ações sobre as pessoas de bem.¹⁰ Mas, nesse terreno ele seguia uma tendência que já vinha sendo

¹⁰ Como lembra Willian Schlaerth acerca de Bodin, em sua crítica à primeira edição norte-americana do *Methodus* (do ano de 1945), “He was a credulous believer in sorcery, the virtues of numbers and the power of the stars and directs some admiration to some of the outstanding Reformers. At the end of his life he returned to the fold and died a professed Roman Catholic and was interred in a monastery at Laon”. (SCHLAERTH, 1946).

consagrada no campo da pesquisa histórica pelos letrados e togados do Renascimento. Em seu livro, há muitos aspectos de relevo para a caracterização de uma nova maneira de abordar a história, como a tríplice divisão do saber histórico em história sagrada, história natural e história humana.¹¹ A história sagrada ocupar-se-ia da ordem divina e, por assim dizer, daria relevo aos decretos de Deus em suas relações com as comunidades de crentes, já enriquecidas por novas linhagens confessionais derivadas das Reformas; já a história natural ocupar-se-ia dos incógnitos fenômenos que ocorrem na ordem dos eventos, e que fogem ao controle da compreensão humana, atitude intelectual típica de uma cultura na qual ainda era reduzido o lugar das ciências naturais. O outro nível da história é aquele em que as ações humanas formam o núcleo vital.

Assim, o princípio que rege a história sagrada é a fé; o que guia a história natural é a necessidade; e o que dirige a história humana é a probabilidade. Isso porque, conforme explica Bodin, a história efetiva é uma espécie de fluxo temporal cuja força motriz é a vontade dos homens agrupados em sociedades. Esse trem de força, a vontade, pode apresentar certa elasticidade, por vezes variando de acordo com os tempos. Com efeito, quase nunca ela parece consigo mesma, estando sempre em mudança. Ora, é característica das sociedades seguirem uma dinâmica pela qual sempre surgem novidades, em termos de ordenamentos jurídicos (leis e formas de justiça, por exemplo), instituições culturais (cerimônias e ritos, por exemplo), relações de poder (formas de governo, por exemplo), etc. e etc. Em meio a realidades que não cessam em alterar-se, o que teria a história a ensinar? Ao que parece, aqui há uma alteração do antigo *topos* ciceroniano *Historia magistra vitae*, que parece sofrer um pequeno desgaste diante do gênero de operação

¹¹ Nas páginas iniciais do primeiro capítulo do *Método* Bodin sintetiza sua concepção: “Of history, that is, the true narration of things, there are three kinds: human, natural, and divine. (...) So of three types of history let us for the moment abandon the divine to the theologians, the natural to the philosophers, while we concentrate long and intently upon human activity ...”. (BODIN, 1969, p. 17)

historiográfica bodiniana, mas não a sua negação, pois a história também era “colheita de excelências”, para exemplo e proveito dos homens.¹²

Um reino de permanentes novidades

Mas, para Bodin, se há algum núcleo permanente e identificável na história (por exemplo, uma natureza humana, sempre semelhante a si mesma), ele não é tão expressivo e, portanto, não é suficientemente capaz de definir com certeza uma tendência relativa a rumos a serem percorridos pelas sociedades humanas. De fato, as sociedades humanas são diferentes. Por isso mesmo fica um pouco mais difícil (mas não impossível) aprender com os exemplos das coisas passadas, lugar comum que perde parte de sua vitalidade em um mundo que é cada dia mais novo e, portanto, diverso e imprevisível. Olhando para frente, Bodin manifestou sua crença num ideal de aperfeiçoamento do gênero humano, o que permitiu falar até numa clara ideia de progresso supostamente presente em sua reflexão histórica. Com efeito, “Se os antigos fizeram descobertas maravilhosas, os modernos os ultrapassaram e ele (Bodin) cita, entre outros, para ilustrar sua tese, a invenção da bússola, a descoberta do Novo Mundo, a expansão comercial, a metalurgia, a imprensa. Portanto, se a história tem um rumo, segundo Bodin, esse rumo é o do *progresso*”. (DOSSE, 2003, p. 55) Trata-se de saber, no entanto, se a palavra destacada em itálico integrava o vocabulário normativo dos que, nos meados do século XVI, refletiram sobre as transformações da história e, mais relevante ainda, se a ideia de progresso já podia ser tomada em sua acepção tradicional, a saber, como a marcha irrefreável da humanidade rumo ao desenvolvimento sem peias. Pela leitura atual e, diga-se de passagem, ainda insuficiente do complexo e consideravelmente volumoso *Méthode de l’Histoire*, parece-me que o autor não investe numa ideia de

¹² “Since for acquiring prudence nothing is more important or more essential than history, because episodes in human life sometimes recur as in a circle, repeating themselves...”. (BODIN, 1969, p. 17)

progresso. Isso para dizer que o autor não tencionou prever onde a história iria dar, segundo as visadas dos pensadores do século XVIII. Mas é previsível que, segundo seu ponto de vista, onde quer que ela desse, o gênero humano encontrar-se-ia em melhores condições. (Cf. BODIN, 1951, p. 282ss) Ao que me parece, essa é a nota que transparece com maior vigor no *Método da história*.

Até o século XVII não houve concepções filosóficas que abordassem ações humanas orientadas para o futuro. (Cf. NISBET, 1985) O conhecimento histórico, conforme concebeu o próprio Jean Bodin, mirava sucessos do passado. A maior parte dos que se interessavam pela narrativa histórica ocupava-se das façanhas dos homens ilustres, os insignes varões de Plutarco. Sob esse aspecto, o início da Época Moderna marca a nova era de glória do *topos Historia magistra vitae*, que Bodin não recusou, mas que parece ter alterado ligeiramente em sua significação mais tradicional. De todo modo, o que concebemos na atualidade como ações planejadas e voltadas para a posteridade, que levam à concepção clássica de progresso, foram inovações do século XVIII, sobretudo a partir de sua segunda metade. De início, obra de elaboração exclusiva dos pensadores, a ideia de progresso integrou-se à consciência coletiva dos povos. De toda maneira, o otimismo de Bodin quanto à capacidade das realizações humanas parece não autorizar a modernização excessiva de seu pensamento. Mas a percepção de Bodin quanto às alterações providas pelo dinamismo da história decerto que autorizam a afirmar que o autor partilhava do espírito de época, ao reconhecer na mudança as diferenças qualitativas dos tempos da história. E mudar de qualidade não leva necessariamente ao progresso, porque uma mudança para melhor pode alternar-se com outra para pior, em fluxo contínuo. Enfim, o senso do passado, verdadeira novidade no cenário da pesquisa histórica renascentista, aparece bem definido no pensamento histórico do autor ao longo de toda a obra, e de modo mais evidente ainda quando teoriza acerca da questão no oitavo capítulo referente a um sistema do tempo universal (De la chronologie universelle). (Cf. BODIN, 1951, p. 431-448)

Ao que me parece ainda, a referida continuidade irrefreável da mudança da história humana não livra o Bodin historiador de uma responsabilidade: captar no fluxo contínuo da história um determinado padrão, que podemos traduzir por linhas de continuidade. Nesse ponto é que se revela o grau mais elevado de complexidade do pensamento histórico do autor. É verdade que o fluxo do tempo tudo altera em sua ação naturalmente corrosiva. Mas, trata-se em boa parte de alterações dotadas de energia criadora, por contraditório que isso possa parecer. Então, se a história faz com que quase tudo não mais se pareça com quase nada, constituindo-se num reino de eternas novidades, por que não tentar apanhar um padrão de regularidade nas mudanças? Essa operação tornar-se-á factível, desde que se possa pensar em análises comparativas das sociedades humanas. E tal análise implica um alargamento sensível do campo de visão do historiador. Ele deve olhar simultaneamente pelo retrovisor da história (a expressão é utilizada por Michael Oakeshott), mas sua vista deve cobrir todas as áreas laterais da experiência humana. (Cf. OAKESHOTT, 1967) Se o historiador puder descobrir as leis gerais do movimento, cumprirá um grande papel.

Certamente que o jurista angevino pode ser enquadrado como um ponto de inflexão das histórias renascentistas, no tocante à experiência temporal, cujo futuro poderia não repetir simplesmente o passado, segundo a reputada análise do historiador alemão Reinhart Koselleck. Mas não foi o mesmo Bodin quem afirmou que, desde que seja para adquirir prudência, nada é mais relevante ou mais vital do que a história, porque os acontecimentos da vida por vezes se repetem, como se estivessem em um círculo. Segundo ele considerou no “Preâmbulo” do *Methodus ad facilem historiarum cognitionem*, o presente pode ser facilmente explicável graças à história. Por meio do estudo da história podemos iluminar o futuro e assim obter indicações seguras acerca do que convém procurar e evitar. Pode ser que Koselleck talvez tenha se excedido um pouco na modernização do pensamento histórico e político do autor, e diante de seus próprios argumentos — os de Bodin —, fica difícil desconsiderar uma série de outras

análises que aproximam suas reflexões de noções bem menos avançadas. Aliás, como o faz Beatrice Reynolds acerca do *Methodus* quando avalia que

O livro é relevante na medida em que nos entrega o conteúdo intelectual de uma mente do período de transição entre a Idade Média e a Época Moderna. [...] A teoria medieval de uma determinação providencial da história não era totalmente estranha ao seu pensamento.¹³

François Hartog também o enquadra por esse ângulo. Na época em que Bodin publicou seu livro, os homens tinham a impressão de se encontrarem em um mundo bastante familiar, posto que bem preservado pelas tradições consagradas por uma noção imemorial do tempo. Segundo o historiador francês, a luz brilhava do passado sobre o presente e o futuro. (HARTOG, 1996).

Breve catálogo de inovações

Em história, Bodin percorreu o caminho que traçou para si de uma forma muito coerente, pois procurou servir-se do conhecimento produzido por ciências afins ao campo do conhecimento histórico, atribuindo ainda um novo valor à pesquisa documental, no que pôs freio momentâneo no velho gênero “cola e tesoura” (expressão consagrada por Collingwood). (Cf. COLLINGWOOD, 1981) No terreno das invenções filosóficas, suas façanhas fizeram dele o precursor de diversos autores, em diferentes posteridades. E o vinho novo servido por Bodin em tão considerável volume, veio também de novas garrafas. Isso porque ele não se preocupou em seguir o modelo retórico do discurso histórico predominante em seu tempo, muito marcado

¹³ “The book is of value in that it gives us the intellectual content of a mind of the transitional period between the medieval and the modern age. (...) The medieval theory of a providential determination of history was not entirely foreign to his thought ...”. (REYNOLDS, 1969, p. XI)

pelas emulações estilísticas dos clássicos antigos, cuja figura paradigmática era Tito Lívio. O humanismo seguido por Bodin afastou-se do padrão consagrado da *ars rhetorica* presente nas narrativas históricas quinhentistas, o que o tornou objeto de admiração aos olhos de Montaigne. Bodin sabia bem que, com o *Método da História*, dirigia-se a uma elite de conhecedores do latim. Mas preferiu uma escrita mais livre de *ornatus* e outros apelos retóricos voltados a persuadir o leitor pela emoção transmitida por uma narrativa cheia de eventos memoráveis e frases altaneiras.¹⁴ A narrativa histórica de Bodin buscou atingir princípios de pragmatismo (*utilitas*), antes que produzir o prazer (*voluptas*), lugares-comuns nos gêneros literários em voga no século XVI, e inclusive nos dois séculos seguintes, que ainda tomavam Cícero e Quintiliano como fontes de inspiração na arte da composição narrativa. (Cf. CURTIUS, 1996) Os novos aspectos da erudição histórica do humanismo renascentista francês, com o seu apurado padrão técnico de exigência, eclipsaram tais traços de seu livro sobre o método histórico. A fruição literária proporcionada pelos livros de história podia mascarar as credenciais de uma obra excelente, e frequentemente produzia tal resultado. Para Bodin, a veracidade dos relatos era artigo de primeira necessidade, não podendo ocultar-se nas artes do beletismo.

Os capítulos de o *Método da História*, em número de uma dezena, são muito desiguais quanto ao volume de texto, o que permite deduzir que os efeitos didáticos que a autoria pretendeu produzir talvez não fossem assim tão importantes, não ao menos a ponto de serem perseguidos incansavelmente. À parte tal suposição, importa destacar que em um desses capítulos, o sexto, que aborda a forma de governo nos Estados (De la constitution des Républiques), Bodin se propôs resumir a história do mundo, com vistas a gerar o referido efeito didático em benefício de seus leitores,

¹⁴ Avaliando a recepção e influência do *Methodus* na literatura da Inglaterra elisabetana, Leonard Dean ressalta algumas das inovações bodinianas quanto a *ars rhetorica* renascentista. Segundo Dean, Bodin defendia que “The most admirable historian is not the teller of wonders nor the creator of theatrical scenes, but the man who combines talent, experience in statescraft, and careful research, and who provides the reader with an insight into the offices of public and private government”. (DEAN, 1942, p. 67).

segundo ele mesmo declarou no texto. E alerta Bodin em suas ilações metodológicas: o segredo da ciência histórica que buscou praticar estava na forma de constituição dos Estados através dos tempos, a que denominou Repúblicas. (Cf. BODIN, 1951, p. 349-424) O significado de República nos inícios da Época Moderna remetia a um Estado qualquer em seu sentido amplo, com a sua administração e as suas leis, mas não a uma unidade política dotada de soberania do povo. Ao leitor de hoje tal declaração pode soar como simples quinquilharia de um passado distante.

Mas, na época de seu enunciado, foi mesmo uma descoberta inovadora da pesquisa histórica, afeiçoada à teoria dos Quatro Impérios, uma referência que alcançou, ainda que de modo alterado, a Época do Iluminismo. Até Voltaire, autor dentre os mais ousados inovadores no campo da história, não se desvincilhou de tal modelo, encontrando no passado remoto e recente os seus séculos modelares. Voltaire fez culminar suas idades míticas no portentoso “Siècle de Louis XIV”. Enriquecido pelas descobertas das três idades anteriores — o século de Péricles, a época de Augusto e a Renascença na Florença dos Médici — o “Século de Luís XIV” fez mais em alguns gêneros do que as três outras idades em conjunto. (Cf. VOLTAIRE, 1957, p. 617) Como argumenta Jacques Le Goff em seu ensaio “Idades Míticas”,

“Para dominar o tempo e a história e satisfazer as próprias aspirações de felicidade e justiça ou os temores face ao desenrolar ilusório ou inquietante dos acontecimentos, as sociedades humanas imaginaram a existência, no passado e no futuro, de épocas excepcionalmente felizes ou catastróficas e, por vezes, inseriram essas épocas originais ou derradeiras numa série de idades, segundo uma certa ordem”. (LE GOFF, 1984, p. 311)

Bodin reagiu criticamente a tal teoria. Sobre o assunto, ele escreveu em sua declaração metodológica (final do capítulo 1 intitulado “De l’Histoire et de ses diverses sortes”), que se esforçaria — tomando como fundamento seus estudos acerca da transformação das formas políticas —, para refutar aqueles que tentaram impor suas quatro monarquias e seus quatro séculos de ouro. (Cf. BODIN, 1951)

Dentre as demais inovações do Jean Bodin historiador não se pode omitir a crítica às fábulas como explicação das origens gloriosas das nações. Esse também é outro fundamento de seus disparos contra as narrativas históricas que tencionou superar, com suas instruções bastante fiéis à tópica “trago novidades”. Como todo inovador que se preza, ele teve de ceder a certos imperativos, alguns bem categóricos, como o de apresentar a extensa galeria dos conhecedores que lhe antecederam nos temas que se dispôs a retratar. É quando surge uma verdadeira legião de historiadores, que Bodin reúne em um catálogo de vultos relevantes da sabedoria histórica. Conforme ele mesmo diz no décimo e último capítulo de seu *Método* (intitulado “Liste recapitulative des historiens”), “... concluirei redigindo o catálogo e a sucessão dos historiadores, para que se estabeleça com certeza os temas que eles desenvolveram e a época na qual floresceram”. (Cf. BODIN, 1951) Seu propósito com esse trabalho de catalogação — não mais do que sete ou oito páginas de texto — foi o de traçar as linhas gerais de uma leitura eficaz de suas respectivas obras. O importante não seria enfileirar livros ao lado de livros, para perfilar os juízos das autoridades numerosas e portentosas, mas aprender a ler corretamente as matérias da história. Uma criteriosa pesquisa bibliográfica foi sugerida como se tratasse de um dos pilares no planejamento da empresa histórica: evitava-se assim uma série de inconvenientes como, por exemplo, o risco primário de repetições ou das duplas descobertas.

Talvez falte a estas considerações apontar para uma série de outros aspectos temáticos das inovações historiográficas empreendidas pelo demonólogo renascentista. Limitar-me-ei a dizer que o esforço empreendido por Jean Bodin para estabelecer uma hierarquização das fontes históricas compõe uma coordenada assaz importante. Ora, alguns documentos podem ser visivelmente mais relevantes do que outros, dependendo da temática, afirmou o autor em seu terceiro capítulo acerca dos modos de organizar os documentos (Comment fixer avec exatitute les lieux comuns de l'histoire). Numa época em que a narrativa histórica pautava-se de forma predominante na produção de efeitos retóricos, a partir da sobreposição de discursos eloquentes, a introdução de uma fase digamos “documental” no trabalho de

investigação deu um lustro de originalidade às iniciativas de Bodin e de seus contemporâneos de nova empresa. Para o autor, cabia ao historiador organizar o seu trabalho, que começava pela criteriosa seleção dos materiais de base, garantindo-se a primazia da análise de documentos históricos de maior confiabilidade: as fontes públicas em detrimento das fontes privadas. Sendo a narrativa histórica um discurso essencialmente dialógico, segundo a percepção de Bodin, ao historiador caberia cercar-se dos favores e serventias das ciências auxiliares da história, atitude interdisciplinar digna de provocar espanto nos que, hoje ainda, cultivam apenas o seu jardim. Decerto que o programa que Jean Bodin traçou, e que resultou em contribuições para a renovação da pesquisa histórica nos inícios da segunda metade do século XVI, é bem mais extenso e mais complexo do que os elementos apontados nestas reflexões preliminares de pesquisa. Como meu propósito foi apenas o de sugerir algumas inovações mais notáveis por ele empreendidas, permitindo perceber, ainda que por alto, o padrão de exigência do autor, minhas notas já poderiam ser encerradas.

Criatura bifronte ou mentalidade ambivalente?

A mero a título de considerações finais, tenciono prosseguir ainda um pouco, sugerindo algumas questões teóricas complementares. Alguns comentadores reconheceram em Bodin, como pensador político, um defensor bastante sincero da tolerância religiosa, além de autor inventivo no esforço de conceber formas modernizadoras de administração pública. Aliás, tais aspectos são evidentes em sua filosofia política. Entretanto, os historiadores de seu complexo pensamento não se esquecem de que o inovador Jean Bodin, o porta-voz da nova história, o farol da jurisprudência, o colosso da sabedoria, enfim, o abismo de erudição de seu tempo, incluiu em sua agenda filosófica a tarefa de redigir um livrinho sobre bruxaria, espécie de “método fácil” para utilidade dos magistrados, à época muito empenhados na identificação e julgamento de ações demoníacas. Das

culminâncias de suas notáveis inovações nos campos da reflexão histórica e política, os comentadores sempre sacam o célebre “livro de bolso da feiticeira”, do eminentíssimo “libertino erudito”. Como disse Margareth King, “O erudito Jean Bodin” (historiador, jurista e teórico político) aponta ainda a cobiça como causa da bruxaria feminina e diz que por cada bruxo do sexo masculino havia cinquenta bruxas”. (KING, 1991, p. 213) É bem verossímil a referência de King. No *Colloque*, ele compara as feiticeiras a um colossal cardume de peixes, seres produzidos em escala industrial. (Cf. BODIN, 1984, p. 45ss)

Importa notar, com Lucien Febvre, Pierre Mesnard, François Berriot, Jacques Roger e outros, que o notoriamente crítico e cético historiador quinhentista — analista judicioso de fontes históricas complexas —, aceitava a prosa supersticiosa do povo ignorante sobre conspirações diabólicas, bem como as delações de supostos pecadores que haviam vendido a alma ao diabo, na esperança de obterem proveitos mundanos. Mas seria essa a marca negra da insensatez, a manchar para sempre a reputação do grande pensador do Renascimento? Há quem afirme que, como um cristão de fachada, ele agiu assim para proteger-se de acusações de incredulidade constituindo-se seu *Démonomanie des sorcières* em escudo de suas impiedades. Curiosamente, esses seus supostos esforços por alcançar um nivelamento às concepções predominantes em sua cultura não o livraram de problemas. François Berriot, que liderou os historiadores responsáveis pela edição da tradução anônima do *Colloquium heptaplomeres*, aponta os percalços que ele viveu. Na avaliação de Febvre, *Colloquium heptaplomeres* foi dirigido à substituição do então arruinado catolicismo por uma doutrina universalista cujos esteios seriam o saber científico e a história comparada. (Cf. FEBVRE, 1968, p. 111) Seu *Démonomanie* valeu-lhe, por parte dos excessivamente católicos, o título de “novo e pestilento” intérprete das Sagradas Escrituras, o que no século XVI era sinal de muito perigo. Os leitores ortodoxos de seu texto sobre as feiticeiras viram-no pelo ângulo da depravação, vício que lançava nódoas sobre as venerandas sentenças dos profetas, bem como sobre os ensinamentos da Igreja. Acusações de ateísmo, de judaísmo, de calvinismo e de oportunismo

político também se alternaram recorrentemente, na medida em que os textos do “monge renegado”¹⁵ tornavam-se conhecidos de uma pequena comunidade de leitores. Nessa onda de acerbas críticas trafegou também o *Methodus*, que passou a reforçar os títulos do *Index*, a partir de 1596.¹⁶

Se Bodin recomendou o emprego rigoroso dos métodos empíricos para a concepção de uma nova história, na intenção de investigar em maior profundidade as condições de vida dos homens no tempo, o mesmo personagem recorreu a alguns engenhos de pensamento que hoje talvez nos pareçam incomuns, ao menos para uma mente tão destacada do século XVI. Então, é frequente falar-se num suposto Bodin multiforme, autor capaz de inventar a modernidade política nos *Seis livros da República* e, por meio de estratégias retóricas oblíquas e até de um pouco de hipocrisia, regredir estrategicamente a certo primitivismo filosófico e compor um tratado para maior comodidade dos demonólogos de sua geração. Ao que parece, essa é uma explicação bem à mão para facilitar a compreensão de sua história de vida. Mas teria mesmo existido essa criatura bifronte? Ele teria se alternado em estágios de vanguardismo e de conservadorismo em suas reflexões? Como aprazia a Lucien Febvre argumentar, tal análise esbarra no pecado mortal do historiador. Ora, “as emoções são contagiosas. Implicam relações de homem para homem, relações colectivas”. (FEBVRE, 1985, p. 219) O historiador Jacques Roger explica a suposta mitologia da incoerência encontrada na personalidade de Bodin como o traço de leituras viciadas dos historiadores contemporâneos. Para Roger, alguns historiadores das ideias se engajaram na atitude mais fácil de julgar as contradições de Bodin, quando a tarefa que melhor caberia é a de compreender as suas singularidades.¹⁷

¹⁵ “Car très tôt Jean Bodin apparaît suspect aux théologiens. D’une part, ‘quelque uns’ ne manquent pas de lui reprocher d’avoir porté l’habit de carme ‘dans son première jeunesse’, comme l’attesterait un acte de 1577 relatif à sa ‘moynerie’, puis d’avoir ‘fait profession de la religion protestante...’”. (BERRIOT, 1984, p. XVIII)

¹⁶ “*La Méthode* est accusée de citer trop fréquemment les théologiens réformés, de contester le rôle temporal des papes, et de prendre à son compte les superstitions des ‘mathématiciens’”. (BERRIOT, 1984, p. XXI)

¹⁷ Exemplo da visada crítica de Roger: “Il est à peine caricatural de dire que, pour certains historiens, il suffirait de débarrasser Bodin de la lourde érudition pour y trouver Voltaire”. E

Nessas alturas, fica evidente a série de armadilhas a espreitar o historiador que se ocupa em analisar as concepções de historiadores de tempos passados em meio às suas embaixadas criadoras. De fato, há muitas “ratoeiras” à espera dos que se ocupam do trabalho de interpretação de textos, e não há meios de não se recair continuamente nessas armadilhas deixadas pelas diferenças qualitativas dos tempos históricos. Tendo em vista tais complexidades, o jeito é sujeitar-se à exposição a tais embarços que recorrentemente levam aos temidos, mas inevitáveis anacronismos. Se eles nunca podem ser postos à margem, cabe ao menos o cuidado de evitar as visões mais grosseiras, que partem à procura de supostas falhas autorais, naufragando nas chamadas “mitologias” da coerência, da doutrina e do sentido, definidas já nos inícios dos anos 1960 pelo historiador das ideias Crawford Macpherson, em seu livro *A teoria política do individualismo possessivo*, e desenvolvidas por Quentin Skinner nos finais dos mesmos anos 60. (Cf. MACPHERSON, 1962; e SKINNER, 1988. Texto original de 1969) Dessa forma, ao analisar criações filosóficas do passado, atitudes como as de se lamentar por carências de rigor e de exatidão dos textos, da escassez de modernidade dos autores e de uma série de falhas e de imperfeições nas obras de pensamento revelam muito mais a inaptidão analítica do intérprete do que propriamente algo acerca da limitação intelectual do autor sob inquérito. De tais equívocos dão exemplos figuras consagradas no campo da História Intelectual como, por exemplo, Isaiah Berlin, ao lamentar-se da ausência de uma teoria do progresso no pensamento de Maquiavel. (Cf. BERLIN, 1992)

Em vista de tais considerações teóricas talvez se possa afirmar, com um pouco mais de segurança acerca de Jean Bodin, que não existiram um livre pensador e um fanático religioso habitando um só corpo, pois mesmo os aspectos hoje em dia considerados modernizantes de sua filosofia política imergem no sistema de crenças vigentes em sua época. A título de exemplificação, mesmo em seu texto mais avançado — *Seis livros da República*

prosegue o autor: “Pour Bodin, comme pour la plupart des hommes de son temps, la nature est l'ensemble des êtres créés par Dieu, visibles et invisibles, actifs ou passives ...”. (ROGER, 1984, p. IXs)

—, o autor não dispensou o muito persuasivo instrumento do velho providencialismo, que é Deus mesmo em estado de alerta, com seus freios de arrumação sempre puxados em meio às urgências das gestões corretivas sobre o mundo natural e a sociedade. Assim é que a exclusividade das coisas espantosas (“le monopole de l’extraordinaire”, segundo expressão de Jacques Roger), de competência apenas dos demônios, pode ser muito simplesmente apenas um expediente restaurador de uma ordem sagrada corroída por ações corruptoras dos homens. Assim fica explicada a verdadeira “explosão demográfica” de demônios sobre a terra, nascendo aos cachos como minhocas num jardim em dias de calor e alta umidade. Argumento excelente de Bodin: a vontade de Deus é livre para deter temporariamente as leis naturais e, deste modo, colocar em circulação “cette prodigieuse multitude de poissons [...] qui naissent tout d’un coup”. (BODIN, 1984, p. 48)

Enfim, apanhado pelos retrovisores atuais, é provável que Bodin fique mais parecido consigo mesmo se compreendermos que o seu Deus — e isso tanto no *Methodus* quanto nas demais obras —, é a mesma Providência da tradição vetero-testamentária, entidade muito distinta de concepções modernizantes como a do deísmo voltairiano na qual Ele é “l’eternel et impassible Géomètre, qui contemple d’un oeil sec les tribulations d’une nature livrée au déterminisme”. (ROGER, 1984, p. XIII) Em vista das concepções originais de Bodin acerca das leis da natureza, o princípio da “ausência do sentido do impossível” proposto por Lucien Febvre parece-me ainda oportuno como instrumento de interpretação de suas ideias.¹⁸ A assimilação das oscilações entre traços de novo racionalismo e aspectos de antigo misticismo no conjunto da obra do filósofo quinhentista talvez seja um procedimento acertado para se compreender a complexa especificidade de seu pensamento. As exemplificações disso, a partir da análise comparativa de alguns de seus textos — penso mais especificamente no “moderno” *Seis livros*

¹⁸ Ver, a propósito, uma referência tardia e, por isso mesmo, exemplificadora, Cyrano de Bergerac, em 1641: “On ne doit pas croire toute choses d’un homme — parce qu’un homme peut dire toutes choses. On ne doit croire d’un homme que ce qui est humain”. (FEBVRE, 1968, p. 407)

e no “obscuro” *Demonomania* —, ficam como promessa de prorrogação deste ensaio.

Referências

- ARIÈS, P. A história das mentalidades. In: LE GOFF, J. CHARTIER, R. & REVEL, J. (Orgs.). *A nova história*. Coimbra: Almedina, 1998.
- ARIÈS, P. *O tempo da História*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989.
- AUERBACH, E. *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- BAYLE, P. *Dictionnaire historique et critique*. Paris: Desoer Libraire, 1820. (Tomo III. Disponível em archive.org).
- BERLIN, I. La originalidad de Maquiavelo. In: _____. *Contra la corriente*. Ensayos sobre historia de las ideas. México: Fondo de Cultura Económica, 1992.
- BERRIOT, F. La fortune du *Colloquium heptalomeris*. In: BODIN, J. *Colloque entre sept scavans qui sont de differens sentimens*. Des secrets cachez, des choses relevees. Genève: Librairie Droz, 1984.
- BIZIÈRE, J.-M. & SOLÉ, J. Bodin. In: *Dictionnaire des biographies*. Paris: Armand Colin, 1993.
- BOBBIO, N. Bodin. In: _____. *A teoria das formas de governo*. Brasília: Editora UnB, 1985.
- BODIN, J. *Colloque entre sept scavans qui sont de differens sentimens*. Des secrets cachez, des choses relevees. (Traduction anonyme du *Colloque heptaplomeres*. Genève: Librairie Droz, 1984.
- BODIN, F. La Méthode pour une facile compréhension de l’Histoire. In: MESNARD, P. (Org.). *Oeuvres philosophiques*. Paris: Presses Universitaires de France, 1951. (Tradução do latim para o francês de Pierre Mesnard).

- BODIN, J. *Method for the easy comprehension of History*. Nova York: W.W. Norton & Company/Columbia University Press, 1969. (Tradução da edição latina de Beatrice Reynolds).
- BONNEY, R. *L'absolutisme*. Paris: Presses Universitaires de France, 1989
- BOURDÉ, G. & MARTIN, H. *Les écoles historiques*. Paris: Editions du Seuil, 1997.
- BRIGGS, A. (Org.). “Bodin”. In: *The Longman Encyclopedia*. Londres: Penguin Books, 1990.
- CARBONELL, C.-O. *Historiografia*. Lisboa: Teorema, 1987.
- CHARTIER, R. Apresentação. In: ARIÈS, P. *O tempo da História*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989.
- CHAUNU, P. Uma história da História. In: _____. *A História como ciência social*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.
- COLLINGWOOD, R.G. *A ideia de história*. Lisboa: Editorial Presença, 1981.
- COUZINET, M.D. *Histoire et méthode à la Renaissance*. Une lecture de la *Methodus* de Jean Bodin. Paris: Vrin, 1996.
- CURTIUS, E.R. *Literatura Europeia e Idade Média Latina*. São Paulo: Hucitec/Edusp, 1996.
- DEAN, L. Bodin's *Methodus* in England before 1625. In: *Studies in Philology*, University of North Caroline Press, v. 39, n. 2, apr. 1942.
- DELUMEAU, J. *História do medo no Ocidente 1300-1800*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- DOSSE, F. *A história*. Bauru: Edusc, 2003.
- DUBOIS, C.-G. *La conception de l'Histoire en France au XVIe siècle*. Paris: Nizet, 1977.
- FEBVRE, L. Como reconstituir a vida afectiva de outrora? In: _____. *Combates pela história*. Lisboa: Editorial Presença, 1985.
- FEBVRE, L. Hechiceria, ignorância o revolução mental? In: _____. *Erasmus, la contrarreforma y el espíritu moderno*. Barcelona: Martínez Roca, 1971.
- FEBVRE, L. *Le problème de l'incroyance au XVIe siècle*. La religion de Rabelais. Paris: Albin Michel, 1968.
- FERGUNSON, W. *La Renaissance dans la pensée historique*. Paris: Armand Colin, 1950.

- FRANKLIN, J. *Jean Bodin and the sixteenth-century revolution in the methodology of law and history*. Nova York: Columbia University Press, 1963.
- GOYARD FABRE, S. Bodin, Jean. In: HUISMANN, D. *Dicionário dos filósofos*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- GRAFTON, A. *As origens trágicas da erudição*. Pequeno tratado sobre a nota de rodapé. Campinas: Papirus, 1998.
- HARTOG, F. Regime de Historicidade. *Time, History and the Writing of History: the Order of Time*, 1996. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/dh/heros/excerpta/hartog/hartog.html>. Acesso em 26 abr. 2012.
- HUPPERT, G. *L'idée de l'Histoire parfaite*. Paris: Flammarion, 1973.
- KELLEY, D. *Foundations of Modern Historical Scholarship*. Language, Law and History in the French Renaissance. Nova York: Columbia University Press, 1970.
- KING, M. A mulher renascentista. In: GARIN, E. (Org.). *O homem do Renascimento*. Lisboa: Editorial Presença, 1991.
- LASLETT, P. Introdução. In: LOCKE, J. *Dois Tratados sobre o Governo*. Martins Fontes, 2001.
- LE GOFF, J. Idades Míticas. In: _____. *Memória-história*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1984.
- LEFEBVRE, G. La historia humanista fuera de Italia. In: _____. *El nacimiento de la historiografía moderna*. Barcelona: Martínez Roca, 1974.
- LEVACK, B.P. *A Caça às Bruxas na Época Moderna*. Rio de Janeiro: Campus, 1988.
- MACPHERSON, C. *The Political Theory of Possessive Individualism*. Hobbes to Locke. Oxford: Clarendon Press, 1962.
- MANDROU, R. Los humanistas y la vida intelectual. In: _____. *Introducción a la Francia Moderna (1500-1640)*. Ensayo de psicología histórica. México: Uteha, 1969.
- MANDROU, R. *Magistrados e feiticeiros na França do século XVII*. São Paulo: Perspectiva, 1979.
- MESNARD, P. *Jean Bodin en la Historia del Pensamiento*. Madrid: Instituto de Estudios Políticos, 1962.

- MONTAIGNE, M. *Ensaaios*. São Paulo: Abril Cultural, 1972
- MUCHEMBLED, R. *Uma história do diabo*. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2001.
- NISBET, R. *História da ideia de progresso*. Brasília: Editora UnB, 1985.
- OAKESHOTT, M. The Activity of being an Historian. In: _____. *Rationalism in Politics and other essays*. Londres: Methuen & Co., 1967.
- POMIAN, K. Époques: la découverte de l'avenir: de Bodin à Fontenelle. In: _____. *L'ordre du temps*. Paris: Gallimard, 1984.
- REYNOLDS, B. Introduction. In: BODIN, J. *Method for the easy comprehension of History*. Nova York: W.W. Norton & Company/Columbia University Press, 1969.
- ROGER, J. Avant-propos. In: Jean BODIN. *Colloque entre sept scavans qui sont de differens sentimens*. Des secrets cachez, des choses relevees. (Tradução anônima do *Colloque heptaplomeres*. Organização e apresentação de François Berriot). Genève: Librairie Droz, 1984.
- SABINE, G. *História das teorias políticas*. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, 1964. (v. 01).
- SALLMANN, J.-M. *As bruxas noivas de Satã*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.
- SCHIERA, P. Estado Moderno. In: BOBBIO, N. et alii. (Org.). *Dicionário de Política*. Brasília, Editora UnB, 1985.
- SCHLAERTH, W. Method for the Easy Comprehension of History. In: *The French Review*, v. 19, n. 5, mar. 1946.
- SKINNER, Q. Meaning and Understanding in the History of Ideas. In: _____. TULLY, J. (Org.). *Meaning and Context. Quentin Skinner and his critics*. Cambridge: Polity Press/Basil Blackwell, 1988.
- TÉTART, P. *Pequena história dos historiadores*. Bauru: Edusc, 2000.
- TURCHETTI, M. *Stanford Encyclopedia of Philosophy*. (Artigo “Jean Bodin”, seção “Bodin’s religiosity: He Believe or Not”. Texto publicado em março de 2005 e revisado em junho de 2010. Consulta em outubro de 2011).
- VOLTAIRE. Le siècle de Louis XIV. In: POMEAU, R. (Org.). *Oeuvres historiques*. Paris: Gallimard, 1957.